



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM CURSO DE
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

LAÍS EDIVANY SANTOS PANTOJA

**AS (RE) SIGNIFICAÇÕES DO PAPEL FEMININO A PARTIR DA MÚSICA
BRASILEIRA**

**ABAETETUBA
2018**

LAÍS EDIVANY SANTOS PANTOJA

AS (RE) SIGNIFICAÇÕES DO PAPEL FEMININO A PARTIR DA MÚSICA
BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Centro Universitário Federal do Pará (Campus
Abaetetuba), tendo como orientadora a Prof.^a Dr.^a
Adelina Rodrigues Farias.

ABAETETUBA
2018

LAÍS EDIVANY SANTOS PANTOJA

AS (RE) SIGNIFICAÇÕES DO PAPEL FEMININO A PARTIR DA MÚSICA
BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Federal do Pará (Campus Abaetetuba), tendo como orientadora a Prof.^a Dr.^a Adelina Rodrigues Farias.

Abaetetuba, ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a. Dr.^a Adelina Rodrigues Farias
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof.^a Mr.^a Sara Chena Concepción Centurión
Universidade Federal do Pará (UFPA)

RESUMO

O presente trabalho visa entender o processo de (re) significação do papel da mulher na sociedade por meio da música brasileira. A partir da reflexão acerca da influência da mulher na reorganização de várias esferas sociais, verificou-se que havia a possibilidade de um estudo sobre a postura feminina representadas em letras de músicas no Brasil. Para tanto, foi necessária a contextualização histórica envolta dos progressos de movimentos feministas, análise de discursos publicados em redes sociais assim como análise de algumas composições musicais envolvendo os gêneros MPB e Funk. A disposição dos elementos constituintes deste trabalho visa a uma compreensão acerca da postura feminina na sociedade atual assim como possibilita questionamentos acerca do mesmo. Por fim, espera-se que o presente trabalho contribua de forma significativa com futuras construções textuais bem como possibilite aos possíveis leitores novos questionamentos a respeito das canções brasileiras que retratam a figura feminina.

Palavras chave: (re) significação; MPB e Funk; figura feminina.

ABSTRACT

This paper aims to understand the process of (re) significance of the role of women in society through Brazilian music. From the reflection about the influence of the woman in the reorganization of several social spheres, it was verified that there was the possibility of a study on the feminine posture represented in lyrics of songs in Brazil. In order to do so, it was necessary to contextualize the historical context of the progress of feminist movements, analysis of discourses published in social networks as well as analysis of some musical compositions involving the genres MPB and Funk. The disposition of the constituent elements of this work aims at an understanding about the feminine posture in the present society as well as allows questions about the same. Finally, it is expected that the present work contributes significantly to future textual constructions as well as to provide potential readers with new questions about the Brazilian songs that portray the female figure.

Keywords: (re) signification; MPB and Funk; female figure.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Número médio de anos de estudo completo, por sexo, no Brasil.....	12
Figura 2 – - Número médio de horas semanais gastos em afazeres domésticos por sexo e grupos de idade, no Brasil, no ano de 2005.....	13
Figura 3 – Desvalorização do movimento feminista.....	16
Figura 4 – Protesto contra mães feministas.....	16
Figura 5 – Charge sobre o empoderamento feminino.....	17

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 A INFLUÊNCIA DA MULHER NA SOCIEDADE	9
2 MULHER X SOCIEDADE.....	15
3 A MULHER NA MÚSICA BRASILEIRA: A (RE) SIGNIFICAÇÃO DO PAPEL FEMININO EM GÊNEROS MUSICAIS COMO A MPB E O FUNK	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS	23

INTRODUÇÃO

A luta pelos direitos das mulheres vem sendo travada desde a época do Brasil Colônia (1500-1822), onde se tinha uma cultura social e familiar totalmente patriarcal, no qual as mulheres eram desprovidas de muitos direitos e eram totalmente submissas, verdadeiras “donas do lar”.

Com o passar do tempo, a mulher desperta para os interesses sociais e engaja em uma luta por direitos de igualdade entre os gêneros. Desde então, muitos foram os ganhos femininos e, na medida em que a sociedade evolui, a mulher vai transformando o espaço social, político e cultural onde vive.

O presente trabalho visa uma exposição de ideias baseadas em questionamentos acerca do papel da mulher e discursos publicados em redes sociais, analisando o comportamento feminino diante da luta pela equidade de gênero assim como visa a (re) significação da figura feminina a partir da música brasileira.

Daí surge o questionamento: como a figura feminina é retratada na música brasileira e qual o reflexo disso no processo de (re) significação do papel da mulher na sociedade?

Entender como a figura feminina é retratada na música brasileira e como isso reflete no processo de (re) significação do papel da mulher na sociedade nos permite fazer uma contextualização social e histórica envolta da influência dos movimentos de mulheres e frentes feministas na sociedade, levantar questionamentos acerca do papel da mulher na sociedade assim como analisar o papel feminino nas representações musicais brasileiras, em especial, em gêneros musicais como a Música Popular Brasileira e o Funk.

Foram utilizados como embasamento teórico o livro *50 Anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile*, organizado por Blay e Alevar (2017), no qual elas fazem uma comparação entre os processos de transformação da condição de gênero no Brasil, na Argentina e no Chile bem como abordam temas prioritários tratados nos últimos cinquenta anos.

O artigo *Mulheres que ousam saber: Um estudo etnográfico da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-pará*, no qual Beltrão (1990) aborda como as mulheres paraenses foram tratadas no período da visitação do Santo Ofício ao Grão-Pará.

Em *A Casa & a Rua*, Damatta (1987) nos auxilia na relação existente entre “a casa e a rua” com a ideia de uma sociedade globalizada real, que forma um sistema e, com isso, é capaz de gerar suas próprias leis e normas, o que nos possibilitou uma relação ao conceito de ideologia segundo Bakhtin (1895 – 1975) apud Miotello (2014).

Ao analisar a resistência feminina diante da luta por equidade, foi possível analisar o discurso polifônico que envolve a condição subalterna e oprimida da mulher brasileira na época da Revolução Industrial até os dias atuais. Também foi possível o estudo de textos como *Feminismo e Política*, Miguel e Biroli (2014), *Vestidos e Mordaças: Representação da Opressão Feminina na Literatura Brasileira nos séculos XIX e XX*, Waller (2008), entre outros.

Foram utilizados textos pré-definidos que auxiliaram na escrita e organização dos capítulos e que possibilitaram a contextualização histórica do surgimento e avanços dos movimentos de mulheres e frentes feministas na sociedade. Foram analisados alguns discursos publicados em redes sociais a respeito da desvalorização do movimento feminista assim como foi analisada postura da mulher contemporânea a partir das composições musicais brasileiras.

Organizado em três capítulos este trabalho contempla, no primeiro capítulo, a contextualização histórica e, conseqüentemente, o surgimento e avanços dos movimentos de mulheres e frentes feministas. No segundo apresenta uma reflexão baseada em publicações em redes sociais a respeito da postura da mulher na sociedade contemporânea assim como a influência de movimentos feministas atualmente. O terceiro traz uma análise da maneira como a mulher é representada por meio das composições musicais brasileiras e como isso influencia no modo de representá-la.

1- A INFLUÊNCIA DA MULHER NA SOCIEDADE

A participação feminina em diversas esferas sociais vem aumentando ao longo do tempo. Antigamente vistas como símbolo de “pureza” e “fragilidade”, as mulheres tinham uma educação voltada totalmente para o ambiente familiar. Atualmente, a figura feminina vem quebrando paradigmas, protagonista de sua própria história, caminha rumo a tão sonhada equidade.

É difícil afirmar quando, necessariamente, a mulher começou a dar os primeiros passos rumo a liberdade, pois como bem ressaltam Blay e Avelar (2017) (...) nas últimas décadas, a sociedade e, em particular, as mulheres atravessaram tempos de ditadura até o alcance da democracia; na etapa contemporânea, se desenvolvem processos de construção de novos paradigmas culturais, a incorporação de novas tecnologias, como a virtual, e velhos e novos conflitos entre os movimentos sociais.

A influência da mulher nos processos políticos sociais de sua época é nítida. Podemos perceber que em cada fase de nossa história tivemos personagens que tiveram participação significativa na luta feminina. Desde o esporte até o mundo das artes e, conseqüentemente, na política se tem a movimentação de mulheres que buscaram e buscam por reconhecimento e direitos de igualdade social e de gênero.

Beltrão (1990) em seu artigo *Mulheres que ousam saber* Um estudo etnográfico da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Estado do Grão-Pará* nos dá a oportunidade de analisar a maneira como foram tratadas as mulheres que se apresentaram a Mesa Visitadora.

A autora mostra que dos 46 denunciante e/ou confitentes, foram denunciados cerca de 500 pessoas, no qual 166 eram do sexo feminino e, em seguida, sinaliza que a grande maioria das mulheres, em quaisquer condições mencionadas, nos depoimentos, possui um saber que redundava em poder, o qual se constitui em ameaça social (BELTRÃO, 1990).

Acredita-se que a postura opressiva dos religiosos na região do Grão-Pará, na época, tenha interferido de modo direto nas relações sociais que envolvem, principalmente, o espaço doméstico, no qual as mulheres detêm um papel fundamental uma vez que o chamado dos Inquisidores agudiza os conflitos sociais existentes, estimula a manutenção dos privilégios e a opressão aos seguimentos sociais não privilegiados (BELTRÃO, 1990).

Alguns dados revelam ainda que, dentre as mulheres que foram referenciadas e/ou denunciadas, é possível perceber que a maioria é citada ao se fazer referência a um homem, como por exemplo mãe de homem mulato, mulheres de homens mamelucos, etc., assim como evidencia que as mulheres na medida em que são referenciadas nos depoimentos são

denunciadas (BELTRÃO, 1990), ratificando o caráter subalterno a que eram submetidas naquela época.

Outro fator importante diz respeito a atuação feminina na sociedade colonial. As mulheres eram pouco denunciadas por crimes de costumes e, uma vez subordinada aos controles masculinos, acreditava-se que não precisariam do chamado “corretivo/inquisitorial”, pois já sofriam tais correções por parte de seus maridos. A subalternidade feminina era tamanha que o homem, por lei, tinha o direito de agir com violência contra ela e, em casos de adultério, eram-lhe atribuídos o direito de até mesmo puni-la com a morte.

Então, o que acontece no período da Santa Inquisição comprova o quanto a cultura do patriarcado teve/tem peso relevante no que diz respeito a organização da sociedade de um modo geral. Não há relatos de luta feminina sem que por trás haja a resistência da demanda social influenciada pelo pensamento patriarcal. Do Brasil Colônia a então Proclamação da República, da monarquia à democracia, a mulher vem caminhando, paulatinamente, na busca pela equidade.

Se na época da Santa Inquisição, mulheres que detinham conhecimentos alheios aos permitidos e impostos pela Igreja Católica eram consideradas como praticantes de atos ilícitos, suspeitas e “perigosas”, o que dizer de mulheres que participaram de forma ativa em movimentos esquerdistas durante todo o período ditatorial no Brasil? Ou mais, o que dizer de mulheres como Nísia Floresta, Bertha Lutz e Patrícia Galvão que lutaram arduamente para que direitos como educação, liberdade e atuação feminina na sociedade e direito ao voto fossem conquistados ao longo do tempo?

É evidente que todo processo político-social interfere diretamente na (re) organização das camadas sociais. Para entendermos melhor esta afirmação, basta analisarmos o momento em que o capitalismo passou a ser o principal sistema econômico no Brasil que, com a ascensão da industrialização, passou a investir mais na criação de indústrias estatais. Com isso, surge a relação entre lucro e mão-de-obra barata, no qual as mulheres passaram a incorporar ao trabalho nas fábricas e, conseqüentemente passaram a ter participação significativa em sindicatos e mobilizações sociais/trabalhistas.

Como bem ressalta Bezerra (2014) em seu artigo sobre o estudo da polifonia segundo Bakhtin, com o surgimento do capitalismo o homem passa por um processo reificante, pois na medida em que o capitalismo reitera a estratificação social e, conseqüentemente, contribui com o aumento dos índices de desigualdades sociais, gera conflitos e se tem o surgimento de vozes

que resistem a tal processo. Essas vozes podem estar relacionadas às diversas classes sociais que, de alguma forma, sofreram ou sofrem com a ideologia dominante.

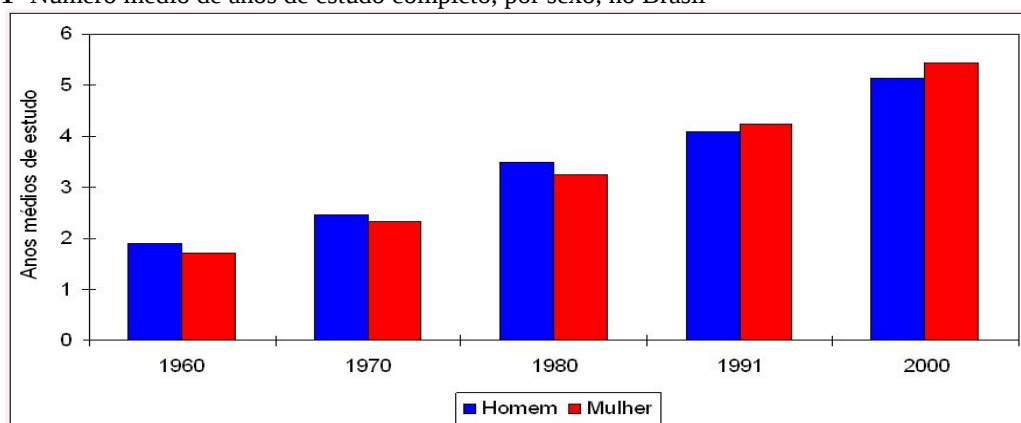
Trazendo esse pensamento para a situação da mulher na sociedade, mais uma vez poderemos fazer relação ao momento em que a mulher ganha espaço dentro das indústrias e evidenciar o caráter subalterno que ela desempenhava, uma vez que isso não a isenta de seus afazeres domésticos, pelo contrário, exposta a jornadas de trabalho exaustivas, com pouco reconhecimento e salários bem mais abaixo do que a dos homens, a mulher se via dividida entre o trabalho remunerado e o doméstico.

Diante dessa dupla jornada de trabalho (fábrica-família) foi possível perceber o surgimento dos primeiros sindicatos de mulheres, que buscavam melhores condições de trabalho, melhores salários, direito ao voto e reconhecimento social. E, a partir desse momento, a luta feminina ganhou (mais) força e foi possível perceber os primeiros frutos, pois o fim da República Velha (1889-1930), o começo da construção de uma sociedade urbano-industrial e a expansão dos ideais feministas – igualdade de direitos e oportunidades entre os sexos na família e na sociedade – possibilitaram às mulheres brasileiras diversas vitórias (ALVES et al., 2017).

A mulher deixa sua condição de oprimida e passa, como em um discurso polifônico, a representar um conjunto de vozes e consciências independentes e imiscíveis, vozes plenivalentes e consciências equipolentes, que irão representar todas as peculiaridades do universo feminino na sociedade (BEZERRA, 2014).

Essa representatividade pode ser percebida já em diversas esferas sociais, pois tanto nas transições demográficas e urbanas, como na expectativa de vida, no direito à educação, na busca pela igualdade no mercado de trabalho e na política e, conseqüentemente, na reorganização do espaço familiar, observa-se que as mulheres brasileiras superaram os homens em alguns casos e, com isso, registram o progresso do empoderamento feminino, mesmo que, muitas vezes, à passos lentos.

Levando em consideração que o feminismo examina os relacionamentos entre homens e mulheres e as conseqüências dos diferenciais de poder para a situação econômica, social e cultural das mulheres (e dos homens) em diferentes lugares e períodos da história (BAHRI, 2013), é possível analisar os índices de desenvolvimento populacional brasileiro nas últimas décadas e, com isso, perceber o quão significativo foi o progresso feminino, à priori, no que diz respeito ao ingresso em instituições educacionais (Figura 1).

Figura 1- Número médio de anos de estudo completo, por sexo, no Brasil

Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

De acordo com o gráfico 1, vemos que no ano de 1960 o nível médio de anos de estudos era muito baixo, tendo os homens um maior rendimento participativo na educação e, permanecendo assim até meados de 1980. A partir daí, percebemos que houve um crescimento reverso, no qual a mulher passou, de 1991 para frente, a ter maior ingresso no sistema educacional, chegando a média de cinco a seis anos de estudos.

E o engajamento feminino em instituições de ensino não parou por aí, conforme mostram os dados da tabela 1, as mulheres também passaram a ser maioria no que diz respeito ao ingresso em instituições de ensino superior, chegando a 16, 8% a mais que os homens no ano de 2010 (Tabela 1).

Tabela 1– Distribuição da população brasileira com educação superior por sexo

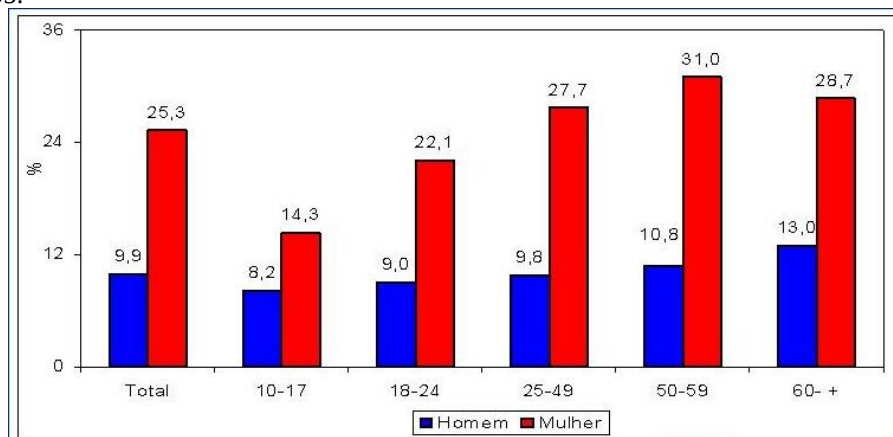
ANO	HOMEM	MULHER
1970	74,4	25,6
1980	54,5	45,5
1991	51,1	48,9
2000	47,2	52,8
2010	41,8	58,2

Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010.

E esse acréscimo nas taxas de escolarização feminina induz, consequentemente, a um progresso no engajamento feminino no que tange ao mercado de trabalho. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que as taxas de crescimento da população economicamente ativa (PEA) no ano de 1950 eram de 80,8% de homens e 13,6% de mulheres. Já no ano de 2010, esses índices sofreram inversão, havendo um decréscimo para 67,1% no PEA masculino e um acréscimo para 48,9% no PEA feminino. Ou seja, em um período de seis décadas, o nível de participação masculina diminuiu 13,7% enquanto a feminina subiu 35,3%.

É claro que ainda há muito o que ser conquistado, pois a mulher ainda se vê “presa” ao pensamento de que algumas profissões não são suscetíveis a ela, uma vez que ainda são de responsabilidade feminina, a maioria do tempo e trabalhos domésticos, como mostra a figura 2.

Figura 2- Número médio de horas semanais gastos em afazeres domésticos por sexo e grupos de idade, no Brasil, no ano de 2005.



Fonte: PNAD 2005, In: Soares e Saboia, 2007.

Por meio do gráfico é possível analisar que as meninas estão mais sensíveis aos afazeres domésticos mais cedo do que os meninos e, observa-se também que esse tempo gasto só tende a aumentar no decorrer do tempo e idade, tendo um percentual de 2,3% de queda na fase dos 50-59 e 60 anos ou mais. Ou seja, ainda que seja visível a participação masculina nas contribuições familiares, a mulher ainda está (diretamente) ligada ao pensamento de que ela foi feita para o lar, cabendo a ela o maior rendimento e cuidados da casa.

Se por um lado a mulher não deixa de ser a “dona do lar”, por que não atrelar a esse pensamento machista e/patriarcal, a ideia de que mulher foi feita para o “lar” mas também foi feita para a “rua”? Resistentes à subalternidade enraizada na cultura brasileira, a mulher se mostrou dona de suas próprias vontades, assumiu papéis diversificados no que diz respeito a reconfiguração familiar, passou a assumir cargos de chefias, alcançou o sufrágio em 24 de fevereiro de 1932, por meio do Decreto Nº 21.076, que assegurou que “E' eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma deste Código (Art. 2º)”, ocupou cadeiras importantes no Senado, chegando à Presidência em 2011, com a eleição de Dilma Rousseff, no segundo turno.

Portanto, não se pode falar em luta feminina sem ressaltar a caminhada árdua que as mulheres traçaram pela busca incessante por direitos de igualdade social, cultural e política. Também não se pode excluir o quanto a mulher tem participação significativa na (re)

estruturação do período histórico a qual está envolvida. Ao falar sobre História, ratificamos a ideia de que todo processo histórico carrega consigo a luta de minorias que resistiram e/ ou resistem à imposições e discursos opressores, como no caso das mulheres que, até os dias atuais resistem e lutam contra a opressão de uma sociedade ainda ligada ao pensamento de que “mulher foi feita para a casa e não para a rua”.

2- MULHER X SOCIEDADE

Discussões acerca do papel feminino tem levado a inúmeros questionamentos sobre quem, de fato, são as mulheres nos dias de hoje. Apegados ao pensamento de que “Amélia que era a mulher de verdade”, o que mais se tem visto em discursos espalhados pelas redes sociais é o de que, em pleno século XXI, mulher “de verdade” é aquela que cuida do marido, da casa e dos filhos.

Daí surge um dos questionamentos-base deste trabalho: qual o papel da mulher na sociedade atual e como ela vem sendo representada por meio das linguagens artísticas? Partindo do princípio bakhtiniano que considera a ideologia como a expressão, a organização e a regulação das relações histórico-materiais do homem (MIOTELO, 2014), pode-se analisar essa indagação de duas formas: uma pautada na consciência da ideologia dominante e outra levando em consideração aspectos sociais cotidianos de homens e mulheres na sociedade atual.

Partindo do primeiro princípio atrela-se, novamente, a cultura do patriarcado, no qual a mulher sempre desempenhou papel subjacente, uma vez que no Brasil Império (...) o Código Civil de 1916 consagrou a superioridade e a preeminência masculina, definindo o marido como chefe da sociedade conjugal (Pátrio Poder) (ALVEZ et al., 2017).

Desde pequena, a mulher era criada para desempenhar atividades voltadas para a família e cuidados com a casa. A sociedade patriarcal, juntamente com os dogmas estabelecidos pela Igreja, atribuía um papel subalterno às mulheres, ratificando uma diferenciação e estabelecendo padrões de conduta social (WALLER, 2008).

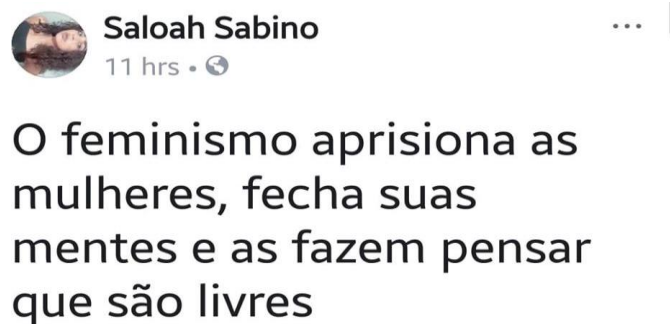
A mulher foi, por muito tempo, taxada com o sexo “frágil”, destinadas à reprodução, um ser sem vontades, totalmente submissa e dependente do “outro”. Porém, graças ao movimento de mulheres e frentes feministas, foi possível perceber alguns avanços no que diz respeito a postura feminina no decorrer do tempo. A transformação do espaço social, a reestruturação da família, o sufrágio, o empoderamento e maior liberdade feminina são fatores significativos quando se fala em atuação das mulheres na sociedade atual.

Resistentes aos preceitos sociais machistas, o movimento de mulheres e movimentos feministas despertaram para os interesses sociais e isso gerou novos conflitos, uma vez que, o empoderamento de mulheres e o discurso sobre a independência feminina, ordinariamente, divide a sociedade quanto aos que são adeptos ou, no mínimo, apoiam os ideais feministas e aqueles que ainda estão enraizados ao pensamento patriarcal, de que mulher é a dona de casa e o homem o chefe da família.

Mas, o intuito aqui é chamar atenção para os discursos, muitas vezes publicados em redes sociais que criticam os movimentos precursores de muitas conquistas femininas. Afinal, o que leva uma pessoa a projetar comentários e/ou publicações preconceituosas, que desvalorizam a luta de mulheres? Ou mais, por que mulheres despejam comentários depreciando a imagem de outras mulheres ou movimentos feministas?

As figuras 3, 4 e 5 a seguir permitem uma reflexão acerca desses e muitos outros questionamentos que envolvem a discriminação e até mesmo a falta de respeito de pessoas e páginas de redes sociais que usam da internet para proferir ideais equívocos a respeito da luta feminina.

Figura 3 – Desvalorização do movimento feminista



Fonte:

<https://www.facebook.com/1067352329981078/photos/a.1695235953859376.1073741829.1067352329981078/1705059296210375/?type=3&theater>

Figura 4 – Protesto contra mães feministas



Fonte:

<https://www.facebook.com/autenticodaopressaorebirth/photos/a.1384254138482433.1073741827.1384230191818161/1436041353303711/?type=3&theater> Acesso em: 15/05/2018.

Figura 5 – Charge sobre o empoderamento feminino



O empasse aqui é: numa sociedade que prega pela liberdade de expressão, até que ponto vai essa tal liberdade quando, na verdade, ela é usada para atingir a liberdade outro?

Se analisarmos a mensagem trazida na primeira imagem fica perceptível a desvalorização da frente feminista, na afirmativa de que o movimento só tem a manter as mulheres aprisionadas, uma vez que o movimento, supostamente, só lhes dá alusão a um ideal de liberdade. Pensamento esse que reitera, talvez, a ideia de que a mulher nunca foi ou não pode ainda ser considerada um ser pensante, já que lutar pela equidade de gênero a deixa cega e não lhe trouxe benefício algum.

Na segunda imagem temos a presença de um protesto contra as mães feministas que, supostamente, odeiam crianças e as usam apenas em prol da propaganda ao movimento feminista. Como se as mães feministas fossem inferiores ou não fossem boas o suficiente para criar seus filhos só pelo motivo delas os educarem, desde cedo, ao pensamento de que é possível ter uma sociedade pautada na equidade de gênero, com meninos e meninas gozando dos mesmos direitos sociais, culturais e políticos.

Na charge fica clara a crítica por trás do ideal de empoderamento feminino quando a personagem feminina se sente ofendida ao ter a porta do carro aberta pelo motorista. Traz também uma crítica acerca dos protestos feministas no qual se tem a utilização do corpo como

forma de protesto e luta contra os padrões estéticos, contra a cultura do estupro e liberdade de expressão corporal.

O fato é que discursos como esses e muitos outros remontam a um ideal de sociedade ultrapassado, uma vez que, a atuação feminina é tão importante quanto a masculina. E mais, a propagação desses discursos marcam o quanto as mulheres ainda precisam se libertar das correntes que as aprisionam a um padrão cultural e familiar no qual ela era apenas “peça” coadjuvante.

3- A MULHER NA MÚSICA BRASILEIRA: A (RE) SIGNIFICAÇÃO DO PAPEL FEMININO EM GÊNEROS MUSICAIS COMO A MPB E O FUNK

Desde a Antiguidade Clássica a mulher foi/é fonte de inspiração para diversas produções e manifestações artísticas. Em cada movimento é possível perceber o quanto as produções artísticas refletiram e refletem as transformações sociais e culturais da sociedade, assim como pode-se dizer o mesmo em relação as representações da postura feminina, principalmente, em letras de músicas.

No Brasil as composições que retratam sobre a figura da mulher podem ser percebidas em diversos gêneros musicais, porém, restringiremos nosso olhar para algumas construções relacionadas aos gêneros que competem a Música Popular Brasileira (MPB) e ao Funk.

Ataulfo Alves e Mario Lago lançaram, em janeiro de 1942, a música *Aí que saudade da Amélia* ou *Amélia* como também é conhecida. Regravada por vários outros cantores brasileiros a música fala sobre um ideal de mulher que por amor a seu homem, se sujeitaria a uma condição submissa, aceitando a tudo o que lhe fosse imposto sem reclamar.

Logo nos primeiros versos da canção é possível perceber o discurso que envolve o papel da mulher na sociedade quando apresenta um desabafo “Nunca vi fazer tanta exigência/ Nem fazer o que você me faz”, deixando em aberto o questionamento acerca do quanto a mulher, a partir do momento em que passa a ter voz socialmente, faz exigências e luta cada vez mais pelo reconhecimento de seus direitos. Em seguida, acrescenta “Ai, Meu Deus, que saudade da Amélia/Aquilo que era mulher de verdade”, fazendo menção à mulher submissa que fazia/faz falta.

Se levarmos em consideração os processos históricos de nossa sociedade, “Amélia” se tornou a “mulher de verdade”, simplesmente, porque se deixava dominar pelas vontades do marido. Enraizada em uma cultura na qual prevalecia a supremacia masculina, só lhe restava obedecer e, como bem ressaltam os versos “Às vezes passava fome ao meu lado/E achava bonito não ter o que comer”, a ela nada desagradava, era feliz e realizada por ser quem era: dona de casa. Ser Amélia era um prazer, afinal, “não tinha a menor vaidade” e ainda “era a mulher de verdade”.

A Amélia retratada na letra da canção se tornou personagem tão significativa na sociedade que acabou virando adjetivo e motivo de discussões a respeito do que seria a “mulher de verdade” hoje em dia. Se, no século XVIII, o ideal feminino era o de uma mulher sensível, frágil e dotada de qualidades domésticas, o que dizer do atual engajamento feminino em diversas esferas sociais que, assim como Amélia, são felizes por serem quem são: livres, donas

de suas vontades, com um discurso de equidade social e de gênero? Ou mais, o que faz com que essas mulheres deixem de ser verdadeiras “Amélias” só pelo fato de terem maior autonomia?

O fato é que a letra da música nos possibilita uma reflexão acerca do discurso opressor existente nela, uma vez que agudiza a ideia de que mulher tem que ser a dona do lar e aceitar viver tudo ao lado do marido. Vaidade? Não, a mulher “de verdade” não precisa disso, porque a vaidade dela está em ser o melhor para a família, sem abusar de projetos e almejos pessoais.

Se em *Ai, que saudade da Amélia* temos um discurso que remonta ao modelo familiar patriarcal, Manoel Rosa, em 1932, com a música *Mulher Indigesta*, remete a maneira como a mulher era tratada como objeto sexual e era exposta as mais variadas formas de agressão. Nos versos, “Mas que mulher indigesta! (Indigesta!) / Merece um tijolo na testa” fica clara a violência contra a mulher e como isso era tratado de forma “natural”, uma vez que o eu-lírico ratifica esse pensamento quando diz “é um bom center-half pra marcar/pois não deixa a linha chutar/e quando se manifesta/o que merece é entrar no açoite”.

Em outras palavras, a mulher só tinha serventia quando era agradável ao homem, pois quando isso não acontecia, simplesmente descarta-la era uma opção. Objeto de desejo, a mulher tinha que corresponder aos ensejos masculinos pois, uma vez que retrucasse ou reclamasse de algo, o açoite a esperava.

Músicas como essas disseminam a cruel realidade a qual estavam submetidas as mulheres. Mas, a grande questão é até quando elas vão refletir uma realidade que ainda persiste até os dias atuais?

A violência contra a mulher é um problema recorrente também na modernidade. Indicadores da violência contra a mulher, disponíveis no site do Senado Federal, apontam que, no Brasil, ocorreram 4.616 homicídios de mulheres no ano de 2015, equivalendo a média de 4,4 homicídios por 100 mil mulheres no mesmo ano. Isso implica que, por mais significativa que seja a movimentação e conquistas femininas, a mulher ainda tem muito o que lutar para que, finalmente, ela possa gozar da verdadeira liberdade sociocultural.

Não somente nas composições que envolvem a Música Popular Brasileira, mas assim como no Funk, letras de músicas como *Só surubinha de leve*, do Mc Diguinho, lançada esse ano, reforçam e alimentam um discurso acerca da cultura do estupro, estimulam a objetificação da mulher como instrumento sexual. Sem contar que deturpam um dos ideais que norteiam o movimento feminista que é o de poder desfrutar dos mesmos direitos que os homens bem como maior liberdade e expressividade corporal em versos como “taca bebida/depois taca pica/e

abandona na rua”, como se mulheres que bebem ou gostam de sair fossem suscetíveis a violências sexuais, abandono e desvalorização.

Mc Fabinho da Osk também abusa de discursos que fazem apologia ao sexo, a banalização da figura feminina e a cultura do estupro. Muitas vezes dando nomes às protagonistas de suas músicas, como em *Toma Karen* e *Rebeca*, Mc Fabinho projeta mensagens pesadas que agredem a moral feminina como em “Rebeca, Rebeca/Vai ser hoje que os cria vai estourar sua xereca”, além de remeter à prática do estupro coletivo quando nos versos citados, ele dá a entender que “Rebeca” vai ser pega por vários homens que a machucarão durante o ato sexual.

A ideia de que “as mulheres devem ser tão livres quanto os homens e deve haver igualdade entre os sexos na família e na sociedade” (ALVES *et al* 2017) acaba se tornando alvo das próprias manifestações artísticas da contemporaneidade. Pois, de um lado temos uma frente que luta contra as opressões e subordinações a que foram e são submetidas as mulheres, do outro, temos uma demanda de indivíduos que, de alguma forma, contribuem – direta ou indiretamente – com a propagação de discursos machistas e preconceituosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do princípio de que todo processo histórico carrega consigo um conjunto de vozes que resistem a esse processo, é importante ressaltar que a luta das mulheres por direitos de equidade de gênero é bastante significativa. Entender como se desenvolveu os primeiros passos dessa luta nos permite uma viagem a Era Colonial e perceber o quanto nossa sociedade ainda é carregada de pensamentos patriarcais, opressores e preconceituosos.

Percebe-se que o movimento de mulheres vive em constante provação, uma vez que ainda há muito o que se conquistar. O sufrágio, o engajamento em instituições de ensino e, conseqüentemente, maior participação no mercado de trabalho, permitiu à mulher brasileira maior autonomia social, familiar e política. Mas, não podemos parar por aí.

Por trás dessas conquistas existe uma parcela da sociedade que insiste em coisificar tudo e, principalmente, a figura feminina. Atrelar à mulher contemporânea a ideia de que ela deve ser do “lar” é cutucar feridas que tão cedo não serão cicatrizadas, é dizer – implicitamente – que mulher não foi feita para atuar no mundo social. Significa menosprezar a luta de diversas mulheres no decorrer da nossa história e dizer que tudo não passa de mera ilusão.

Percebemos por meio da reflexão acerca de algumas letras de músicas brasileiras que por mais que a mulher tenha ganhado espaço e transformado diversas esferas sociais, a maneira como ela é representada ainda reflete a mentalidade e tradicionalismo dominante da época do Brasil Colônia.

Precisamos entender que a reorganização da sociedade atual passa pela aceitação e reconhecimento da mulher como ser humano, como ser pensante e atuante socialmente. Projetar discursos discriminatórios contribui com a propagação de violência, preconceito e desvalorização do ser feminino.

Está na hora de juntarmos nossas forças e lutarmos por melhores condições de vida para ambos os sexos, pois a mulher, assim como o homem, é peça fundamental na construção da sociedade em que vivemos.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. E. D. et al. **Meio século de feminismo e o empoderamento das mulheres no contexto das transformações sociodemográficas do Brasil**. In: ALTERMAN B.;

AVELAR, L. E. (Orgs). 50 Anos de Feminismo: Argentina, Brasil e Chile: A Construção das Mulheres como Atores Políticos e Democráticos, organizadoras. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2017.

BELTRÃO, J. F. As mulheres que ousam saber: um estudo etnográfico da Visitação do Santo Ofício da Inquisição ao Grão-Pará. **Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas**, n. 1 – 1980 – Belém, Universidade Federal do Pará, Trimestral.

BEZERRA, P. **Polifonia**. In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2014. p. 191-200.

BLEY, E. A.; AVELAR, L. (Orgs). **50 Anos de Feminismo**: Argentina, Brasil e Chile: A Construção das Mulheres como Atores Políticos e Democráticos, organizadoras. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2017.

DAMATTA, R. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FACEBOOK. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/autenticodaopressaorebirth/photos/a.1384254138482433.1073741827.1384230191818161/1436041353303711/?type=3&theater>> Acesso em: 15/05/2018.

FACEBOOK. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/1067352329981078/photos/a.1695235953859376.1073741829.1067352329981078/1705059296210375/?type=3&theater>> Acessado em: 21/05/2018.

FACEBOOK. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/feminismdiary/photos/a.986508368033765.1073741828.986457308038871/2213216065362983/?type=3&theater>>. Acesso em: 21/05/2018.

MIOTELLO, V. **Ideologia**. In: BRAIT, B. (Org.). Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2014. p. 167-176.

MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. Feminismo e Política: uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2014.

WALLER, E. Vestidos e mordações: representações da opressão feminina na literatura brasileira nos séculos XIX e XX. 2008.